



Série Contos
Volume 2



A Criatura

B. F. Costa

A Criatura

B. F. Costa



Desesperto
Ilustrações



PRIMEIRAS
EDIÇÕES

A Criatura

B. F. Costa

Despedro
Ilustrações

A Criatura

Professor Coordenador
Prof. Dr. Rogério Barbosa
da Silva

*Ilustrações de capa
e do miolo*
Pedro Henrique Dantas

Autor
Bruno Ferreira Costa

Preparação textual
Ariane Machado

Capa e Projeto Gráfico
Ariane Machado

Revisão
Ariane Machado
Erika Macedo
Filipe Magalhães
João Pedro Bueno
Nicole Dias
Rebeca Ribeiro

Diagramação
Ariane Machado
João Pedro Bueno

Editora
LED: Editora-laboratório
do CEFET-MG

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Campus
Nova Suíça - CEFET-MG
Bibliotecário: Wagner Oliveira Braga – CRB/6-3261

Costa, Bruno Ferreira.

C837c A criatura / B. F. Costa ; ilustrações: Desespedro. – Belo Horizonte: LED, 2023.

59 p. : il.

ISBN (versão digital): 978-65-87948-31-7

ISBN (versão impressa): 978-65-87948-30-0

1. Contos. 2. Realismo mágico. 3. Literatura brasileira. I. Costa, Bruno Ferreira. II. Dantas, Pedro Henrique. III. Título.

CDD: B863.35

A Criatura

Homem adentrou a floresta, arrastando seu machado e sua perna manca até que estivesse longe o suficiente da vila. Procurou longamente, talvez por um local específico, ou algum animal que pudesse trazer para o jantar.

Se sentou em um toco de árvore recentemente cortado e suspirou, deixando o machado cair sobre a terra úmida, vencido, e enterrou o rosto nas mãos. Cansado? Não. Ele estava chorando. Não um choro descontrolado e desesperado de uma criança, mas um derramar lento e sutil de lágrimas que ecoavam silenciosamente pela mata. Era o máximo que uma pessoa como ele se deixaria sentir.

A vila em que o Homem vivia era pequena, não tinha cem pessoas, não mais, e havia mexericos de todas sórdidas variedades. Se antes não sabia realmente do que se tratavam, depois que sua mulher morrera, soube como eram ordinários tais boatos. Era apenas mais um lenhador, mas agora era o viúvo manco que todos podiam usar como alvo de escárnio.

Uma dúzia de pequenos passos interromperam a lamentação silenciosa do Homem.

“Não sinta pena de si mesmo”, disse uma voz atrás dele. O Homem se ergueu rapidamente, agarrando o machado do chão e se virando em um



salto. Elevou a mão para secar o rosto que ainda estava vermelho e molhado, antes mesmo de perceber quem o acercava.

Uma figura, ou melhor, diversas figuras, se aproximavam à luz da clareira. Animais se apresentavam cuidadosamente, como se coreografados, emoldurando a única imagem humana entre eles. Enorme, a figura vestia o que pareciam cascas de árvores, como uma armadura sobre a pele acinzentada. Tinha longos cabelos pretos adornados de folhas e ramos, feições exageradamente acentuadas, com nariz e orelhas finas e compridas, acompanhados de olhos amarelos penetrantes. Não sabia se era ele ou ela. Estava mais para uma coisa, um animal em pele quase humana.

As mãos do Homem tremiam no cabo do machado que manejava todos os dias com destreza. Ele apenas observou, impotente pelo choque do que via diante dos seus olhos.

“Quem é você?”, o Homem perguntou, superando o medo.

“Você sabe o que sou. Me diga: como me chamam no local de onde veio?”, a criatura respondeu.

“Aqueles que acreditam que realiza milagres o chamam de Taumaturgo, mas alguns, os que te-



A Criatura

mem, te chamam de Bruxa”, o camponês disse, com a voz tremulante.

A criatura o observou intrigada, caminhando ao entorno do toco de madeira que aninhava o Homem, que mais parecia uma criança naquele momento. “Já me chamaram de muitos nomes, nenhum necessariamente adequado. Taumaturgo, Bruxa, não cabe a mim decidir”, ela respondeu em uma voz... feminina? Masculina? Era difícil dizer.

“O que você quer? Não chegue perto!”, o Homem disse, brandindo o machado desajeitadamente. A Bruxa riu, tornando seu rosto ainda mais pontiagudo. Os animais – veados, esquilos, coelhos e vários outros – pareciam segui-la. Todos os olhos estavam observando o Homem.

“Eu vivo nessa floresta, não foi a *minha* vontade que trouxe você aqui... Você já ouviu falar de mim, o que contam as histórias?”, perguntou, entretida. O Homem hesitou um pouco, segurando a arma mais perto.

“Dizem que as pessoas vêm atrás de você com sonhos e desejos... e que você tem o poder de realizá-los”.

A criatura abriu um grande e inquietantemente simpático sorriso. “Então, sabe que não precisa ter medo de mim. Pode baixar essa arma ím-



pia”, disse sem se aproximar. O Homem relutantemente abaixou o machado.

“Eu realmente posso realizar esses sonhos mortais”, continuou. “Mas não há milagres, apenas trocas, uma *oferta*”.

“Você não sabe o que busco. Como pode realizar até o mais fantasioso dos sonhos?”, o Homem disse.

“Ah! Vocês buscam coisas muito, muito simples, para serem felizes”, o Taumaturgo afirmou.

“Eu não confio em você. Por que faria isso? O que poderia querer em troca de algo tão impossível?”, o Homem perguntou.

“Ora, eu não faria essa oferta se eu não fosse ganhar algo em troca. Vocês precisam de afeto, comida, água e ferramentas para sobreviver e construir suas casas. Eu preciso apenas de companhia”.

“Eu não sei se entendo, não sei se quero essa troca”, o Homem disse, olhando para baixo, ainda abraçado ao machado.

“Tudo bem, nem todos enxergam os presentes da terra quando têm a chance. A ignorância irá poupá-lo do perpétuo arrependimento”, a Bruxa disse. “No entanto, também não sou inflexível a ponto de tirar proveito da ingenuidade. Se mudar de ideia, apenas traga algo vivo aqui até amanhã”.



A Criatura

A entidade comprimiu os lábios, se preparando para voltar à escuridão. “Há tanto a se saber na vida, espero que encontre em si a resposta de quão longe deseja ir”.

Com suas últimas palavras, o dito Taumaturgo, aquela coisa, se virou e sumiu pelas sombras da densa floresta, seguido por seus companheiros animais.



O Homem fez a sua caminhada habitual de volta à vila, nada em mãos para jantar. Passou pela igreja, onde senhoras curiosas cochichavam e escondiam o rosto.

Chegaria em casa seguindo pela rua principal da pequena vila, porém se desviou para passar por detrás do laboratório do boticário. Era um caminho mais longo, mas que sempre fazia. Apesar do péssimo cheiro, continuou seguindo.

Logo passou pelas lavadeiras, um grupo de mulheres que mergulhavam e batiam roupas em grandes tanques de pedra sabão próximos do ria-



cho. Entre elas, a Donzela que sempre atraía o olhar do Homem.

Era bela, certamente, mas o que despertava no Homem não era só admiração. Ele tentou retomar a compostura, se preparando para passar por lá, até forçou sua perna manca a funcionar direito, mesmo que com muita dor devido ao esforço. Não tinha ainda trinta anos, apesar disso, por muitas vezes aparentava ser um velho.

Atravessou confiante em frente às mulheres, que não pararam seu trabalho. Encarou a Donzela enquanto acenava para o grupo, tentando simpatia, porém sem respostas. E ela, por um único instante, olhou para ele, antes de desviar o olhar para o tanque novamente.

O Homem continuou a andar, mas algo o havia abalado, fazendo-o errar o passo, mesmo que levemente, quando ela o fitou. A Donzela possuía uma marca de nascença no ombro e um semblante melancólico que parecia hipnotizá-lo. Ela voltou ao seu trabalho, sem olhar novamente para o Homem que ia embora.

Chegou em casa tentando esconder um sorriso. Colocou o machado com o gume limpo em um canto e se pôs a deitar, sem um único relance para a mesa de jantar vazia. Tentou dormir, virando e



A Criatura

rolando pela cama a noite inteira, mas sua inquietação e os miados do gato da vizinha não o deixaram descansar.



A manhã se levantou indiferente, e o Homem precisaria de lenha e comida, como todos os dias. Quando ele saiu de sua casa, com um olhar determinado e profundas olheiras, se pôs novamente a caminho da floresta. Ele foi em direção ao coração da mata, porém dessa vez não arrastava consigo o habitual machado, e sim um saco pardo, que se debatia a cada passo.

Encontrou, após vagar por algum tempo, o toco em que se encolheu no dia anterior diante da criatura e ali esperou. O dia se passou e o sono, a sede e a fome já começavam a atormentá-lo. Os raios de sol minguavam, e ele estava dormitando quando a criatura apareceu, novamente acompanhada por animais.



Mais uma vez o Homem não conseguiu ver de onde ela veio, pois havia penumbra sob a copa das árvores.

“Vejo que reconsiderou a oferta”, a criatura disse.

O Homem não se assustou dessa vez, mesmo havendo um javali amedrontador entre os companheiros da Bruxa.

“Eu esperei aqui o dia inteiro”, ele respondeu, gesticulando indignação.

“E aqui estou. Parece-me que a espera foi proveitosa”, a Bruxa disse. “Bem, se estiver pronto, me siga”, ela continuou e então se virou em direção ao âmago da mata, sem esperar para saber se ele estava pronto ou não.

Com seu saco pardo, o Homem se apressou para acompanhá-la a uma distância que o permitia correr se assim fosse preciso.

Seguiu a Bruxa de perto, que se movia com facilidade nos caminhos sinuosos e traiçoeiros da floresta escura. Chegaram, enfim, a uma árvore colossal, maior que qualquer coisa que já vira na vida. E, como se tivesse nascido dela, uma construção surgia do tronco.

Mesmo sendo feita de madeira, não poderia ser mais diferente das casas da vila. O lado de



A Criatura

fora era feito de cascas e parecia mais uma árvore retorcida que se encontrou com o grande tronco do que uma construção humana. As únicas coisas que a denunciavam eram as janelas e a porta entalhadas diretamente sobre a madeira.

O Taumaturgo teve de se abaixar um pouco para passar pela entrada, e o Homem, mesmo hesitante, o acompanhou. O interior da estrutura se parecia com uma oficina. Balcões que surgiam das próprias paredes da árvore sustentavam diversas ferramentas e frascos. Ao fundo da oficina, havia um arco que emoldurava o tronco, dando espaço à escuridão, que aparentemente levava para o interior da árvore-mãe. O Homem teve que se aninhar em um canto do cômodo afastado do arco para dar passagem a alguns animais que acompanharam a entidade para dentro. Felizmente, apenas os animais menores entraram, ficando do lado de fora os veados e o javali.

“Você mora aqui?”, o Homem perguntou.

“A floresta me abriga onde quer que eu esteja. Eu uso esse espaço para trabalhar e...”

“Você disse que quer companhia. O que quer dizer?”, o Homem interrompeu, surpreendendo a Bruxa enquanto esta aguava algumas plantas que cresciam em uma das paredes.



“Eu iria te apresentar aos meus amigos”, ela disse, indicando os animais que assistiam à interação. “Mas não o culpo por querer ser direto. Imagino que queira saber sobre o acordo.”

“Quero saber o que preciso fazer e como você vai me ajudar.”

A criatura sorriu, andando pela oficina e parando próxima às plantas trepadeiras, que se esgueiravam por uma das janelas. “Você sabe por qual motivo essas plantas crescem sobre o tronco das árvores?”

“São só plantas. Elas simplesmente ficam aí. Tudo precisa de um motivo?”, o Homem, confuso, respondeu com desdém.

A Bruxa riu e continuou: “De certa forma, sim. Elas fazem isso para sobreviver, uma vez que é a melhor condição para suprir suas necessidades. Percebendo isso, se instalam ali. A árvore não recebe nada em troca, acredita? Pelo menos essas não causam mal ao meu recanto”, ela disse, jogando mais um pouco de água sobre a trepadeira da qual brotavam algumas flores.

O Taumaturgo esticou uma mão sobre o balcão e um esquilo lhe trouxe um pequeno frasco com um líquido escuro e viscoso. A criatura se dirigiu até o Homem, que se encolheu no canto. Porém, ela



A Criatura

apenas o guiou para o lado, interessada na parede atrás dele.

“Já outras plantas, como este cipó, não conseguem simplesmente viver apoiadas na árvore. Elas sugam a vida do hospedeiro, também buscando sobreviver”.

Usando uma casca, passou um pouco do líquido sobre o cipó, que começou a definhir e se desfazer. “E então eu lhe pergunto: o parasita está errado em fazer isso?”

O Homem hesitou em responder, mas enfim falou: “Eu acho que sim, pois está matando a sua casa”.

“É exatamente aí que você se engana”, o Tau-maturgo disse. “O cipó não se importa se esta é minha casa ou não, ele está apenas procurando sobreviver. Assim como eu, a planta não escolheu ser um parasita. Você poderia dizer que matei essa árvore ainda mais ao cortar janelas e uma porta. Seres vivos têm a necessidade intrínseca de sobreviver. A diferença entre plantas, animais e humanos consiste apenas em quais são suas necessidades e na agência que têm sobre seus próprios destinos...”

O Homem parecia confuso, não sabia a relação entre o que a Bruxa dizia e o acordo.



“O que *você* precisa? O que *você* necessita para sobreviver?”, ela perguntou. Os olhos do Homem se arregalaram.

“Eu preciso da minha vida de volta...”, ele sussurrou. “Mais uma chance pra não viver só e poder amar de novo”.

“Aí está, o que os homens não vivem sem”, o Taumaturgo disse. “Eu posso ajudá-lo a conseguir o amor que deseja”.

“Você vai fazer um feitiço para que eu consiga o amor?”, o Homem perguntou, visivelmente desconfiado.

“Não, não. Feitiços são a natureza que o homem não conhece. Tudo está na natureza. Você precisa respeitá-la, compreendê-la e, assim como o cipó, usá-la quando necessário. Eu não posso te dar o amor, mas posso te ensinar a manuseá-la para consegui-lo”.

O Homem comprimiu os olhos, reparando nas paredes e no corredor que seguia em direção ao interior da árvore-mãe.

“E o que *você* quer em troca?”, o Homem perguntou, aquietando o saco que se debatia.

“Eu não guardo segredos, diferentemente dos homens”, a Bruxa disse. “Não vou enganá-lo dizendo que não há um custo. Tudo tem um custo.



Eu preciso de companhia e, durante esses dias, irei lhe ensinar a criar uma essência, a partir dos frutos da natureza, que o ajudará a conquistar esse afeto que deseja. Também vou precisar que me traga algumas coisas de sua vila, como frascos e tecidos, principalmente.”

“Não me parece um trato ruim. Poderei usar como quiser essa... essência?”, o Homem perguntou.

“Você pode fazer o que desejar, não é meu dever guiar sua mão. Entretanto, essa mentoria cria um laço entre nós, assim como essas flores criaram um laço com a árvore. Você se tornará meu discípulo e não poderá passar esse conhecimento para mais ninguém. Esse vínculo será entre você, eu e a natureza”.

O Homem ponderou e acabou concordando com o acordo do Taumaturgo. Ele entregou o saco pardo, de onde retirou um gato branco com listras cinzas. O animal não resistiu ao ser tomado nas mãos da criatura, que o inspecionou e o colocou em uma gaiola de madeira, suspendendo-a no teto.

Nos próximos dias, o Homem levou diversos materiais da vila para o Taumaturgo. Nada anormal, mas que seria difícil de conseguir morando sozinho em uma floresta. A criatura, por sua parte,



cumpriu o acordo e, ao longo de cinco dias, ensinou o Homem a criar o que desejava.

Foi um processo complexo, e quanto mais o Homem aprendia, mais ele se deparava com o profundo conhecimento que o Taumaturgo guardava. Um arcabouço que não apenas se baseava em usar a natureza da maneira mais básica, como lenha, frutos e carne; mas de moldar e manusear as raízes da vida. Assim como o Homem havia prometido não recontar este conhecimento, tentar descrevê-lo seria tão inútil quanto tolo.

No fim do quinto dia, a criatura conduziu o Homem pelo corredor que ele tanto observou durante os dias trabalhando na oficina. No final do curto corredor, se viu no coração da árvore-mãe, em um santuário circular talhado no interior da árvore, com um pedestal vazio ao centro.

O Homem trazia na mão a gaiola de madeira com o gato dentro, como o Taumaturgo o havia instruído. O lugar era mal iluminado, apenas com a luz que vazava do outro cômodo. Era compreensível o motivo pelo qual tochas não deveriam ser acesas ali, afinal estavam dentro de uma árvore.

“Você agora já sabe a essência do fruto...”, ele disse, circundando o pedestal, “... porém ainda resta um ingrediente, uma *habilidade* a ser conquistada”.



A Criatura

“Qualquer coisa”, o Homem disse.

“Você foi um bom aprendiz, não tenha dúvidas, mas chegou a hora de conquistar sua felicidade”, a Bruxa disse. Foi até o Homem, que já não se retraiu com a proximidade da entidade, abriu a gaiola e pegou o gato. O animal, que havia observado o trabalho deles todos os dias do alto de sua gaiola, se encolheu no canto sentindo a aproximação, mas ao toque do Taumaturgo relaxou, se entregando. O gato foi colocado sobre o pedestal, onde se postou erguido, observando, imóvel.

A criatura foi novamente até o Homem, colocando algo em sua mão e sussurrando em seu ouvido: “Sangre-o”.

A mandíbula do Homem se afrouxou. “Sangrá-lo? Mas é só um gato”, o Homem disse, encarando a lasca afiada de madeira que fora colocada em sua mão.

“Não ache que isso é profanar a natureza. É tudo sobrevivência, você já deveria ter entendido isso”, a Bruxa explicou, acariciando o gato. “Vocês homens, com suas vilas de pedra e madeira, se distanciaram demais da natureza. A essência da vida já é fraca em suas veias. Os animais ainda estão em contato com a vida, com as raízes da árvore-mãe, então você precisa se atrelar a eles”.



Hesitante, o Homem se aproximou do pedestal e encarou o gato nos vitrais de seus grandes e escuros olhos. Ele certamente sabia onde apunhalá-lo para que ele morresse rápido, e onde faria a vida escorrer lentamente.

Firmando o pulso na lasca de madeira, perfurou o pescoço do gato devagar. O animal não fugiu, não se debateu, apenas ficou encarando o Homem enquanto seu sangue escorria por todo o corpo até o pedestal.

A Bruxa se aproximou por trás do Homem e entregou a ele um dos frascos que havia trazido, instruindo-o a posicioná-lo logo em frente ao pedestal para coletar o sangue que escorria pelos sulcos da madeira.

Nenhum som foi emitido no minuto que se seguiu enquanto o frasco se enchia.

“Acho que já é suficiente”, o Homem disse, observando a quantidade de sangue que o gato já havia perdido.

“Não sinta pena. Todos os animais buscam a sobrevivência e a natureza sempre encontra um novo equilíbrio”, a criatura sussurrou, mantendo a mão do Homem coletando o sangue.

Quando o gato finalmente caiu, o corpo inanimado indo do pedestal ao chão da árvore, o Ho-



A Criatura

mem recolheu as últimas gotas escorridas, quase preenchendo todo o frasco.

“Agora...”, o Taumaturgo disse, “... precisamos de uma gota sua”.

O Homem olhou novamente para a lasca afiada, ainda trêmulo. Porém, vendo sua indecisão, a criatura o espetou com uma de suas unhas afiadas. O camponês, mesmo que hesitante, adicionou suas gotas de sangue ao frasco.

“Está pronto?”, o Homem perguntou, em voz baixa como se para que o gato morto não o escutasse.

“Sim, uma ou duas gotas ao final do processo devem ser suficientes para uma dose da essência”, o Taumaturgo afirmou, parecendo satisfeito com a coragem do Homem.

Ele olhou uma última vez para o corpo sem vida e ensanguentado do gato antes de pegar suas coisas e retornar para a vila, trazendo consigo o frasco de sangue e tudo que o Taumaturgo o ensinou durante aquela semana.



Já estava escuro quando o Homem finalmente chegou em casa, mas não antes de fazer seu desvio de percurso habitual para observar a Donzela, sempre lavando, com sua mancha simpática no ombro. Seu desejo só cresceu a cada dia daquela semana, sabendo que estava mais e mais perto de conseguir o que queria.

Ele havia angariado tudo o que precisava nos últimos dias e agora tinha a última peça. Sentou-se à mesa de trabalho no canto mais iluminado da sua casa, onde mantinha um par de velas acesas enquanto trabalhava. Pôs-se então a produzir a essência, um processo que exigia habilidades que o Homem nunca tivera na vida, mas que o Taumaturgo fizera questão de ensiná-lo.

Horas depois, pingou três gotas do sangue do frasco na essência, mantendo-o longe do corpo, como se o espírito do gato pudesse saltar sobre ele. O Homem olhou para o líquido opaco que preparava no frasco menor, pouco maior que uma xícara. Talvez esperasse que algo acontecesse, pois ficou um bom tempo admirando a essência com um olhar esperançoso.

“Eu não devo, eu não devo, eu não devo...”, começou a sussurrar consigo, percebendo o que teria que fazer para convencer a Donzela a tomá-la.



A Criatura

Antes que pudesse tomar uma decisão, caiu de joelhos.

Seu corpo tremia e ele começou a se encolher de dor. Soltou um pequeno grunhido, sentia coceiras por toda parte. Tentou se controlar, segurando o pequeno frasco na mão com olhos desesperados, procurando algo em que pudesse apoiar.

O Homem abriu a porta da casa e encontrou um crepúsculo belo, que manchava o céu de diversas cores. Cores negras, que denunciavam a noite de um lado, e claras, alaranjadas, que indicavam o pôr-do-sol do outro. Seguiu em direção à penumbra, rumo à casa do boticário, procurando algo para atenuar a sua dor.

Quando bateu à sua porta, o Homem já parecia mais calmo. A dor e a inquietação pareciam ter passado em parte.

O boticário o recebeu com o humor de um cavalo.

“O que você quer?”, ele perguntou, não convidando-o para entrar.

“Eu estou sentindo calafrios, minha pele coça e sinto vontade de vomitar”, o Homem disse.

“Desde que não vomite na minha entrada, eu não dou a mínima. Acho que talvez tenho algo que



possa te ajudar. O que tem pra mim?”, o boticário respondeu.

O Homem apalpou a roupa, mostrando que não tinha nada com ele. “Não pode anotar e eu lhe pago depois?”, o Homem perguntou.

“Para você? Não”. O boticário então reparou no frasco que o Homem carregava na mão. “O que é isso?”

O Homem rapidamente juntou o frasco junto ao corpo. “Não lhe importa, não vou trocar isto”.

“Então boa sorte com o mal-estar”, o boticário disse, fechando a porta diante do Homem. Ele continuou ali fora apoiado nela, ainda tremendo levemente, antes de olhar para a rua e para a escuridão que já dominava.

Por costume, se dirigiu ao caminho por trás da casa do boticário, ao invés de seguir o caminho direto até a sua própria. Ao virar no canto escuro entre o laboratório e a pensão abandonada, onde havia apenas alguns sacos e barris de estoque dos moradores próximos, o Homem se sobressaltou.

A Donzela, que carregava uma cesta vazia, atravessava o caminho na direção oposta. Sua beleza estava escondida por um cachecol improvisado, que a protegia do vento frio. Ela caminhava recolhida, como se quisesse sumir.



A Criatura

O Homem passou por ela, que evitou o olhar, provavelmente envergonhada. Ele, porém, não seguiu seu caminho, respirou fundo e se voltou para ela.

“O-o-olá”, ele disse, tocando o braço dela.

Ela se virou de sobressalto, quase deixando a cesta de palha cair e finalmente o encarou nos olhos, o resto do rosto coberto. Seus olhos eram penetrantes, e o Homem teve que se endireitar, ignorando o mal-estar e a perna ruim. A Donzela não o respondeu, apenas um olhar aflito.

“Está muito bonita hoje”, ele disse, “Não que não esteja os outros dias, mas...”

“São minhas roupas de trabalho”, ela disse, seca. “O que você quer?”.

Ele tentou tocar no ombro dela, coberto apenas por uma fina camada de tecido, mas ela se retraiu.

“Eu apenas queria cumprimentá-la, como um bom cavalheiro”. Silêncio. “Como vai seu pai?”

Mesmo que talvez o Homem não percebesse, ela também tremia um pouco, com sua expressão real mascarada pelo cachecol.

“Está melhor, mas minha mãe ainda está arrasada”, disse, com a voz dissidente.



“Sua mãe é uma boa pessoa, diga que vou lhes fazer uma visita”, o Homem falou.

“Não, não é preciso”, a Donzela censurou.

“Enfim, eu apenas gostaria de falar com seu pai, uma mulher da sua idade já deveria cuidar do próprio lar”, ele disse, tentando tocá-la novamente.

“Meu pai não tem o desejo de me entregar por agora”, ela disse, com o corpo virado para ir embora.

“Espere!”, o Homem disse, se colocando novamente ao lado dela. “Talvez ele não tenha encontrado alguém adequado. Ele já me aceitou uma vez, certamente poderia aceitar agora”.

A Donzela esbofeteou o rosto do Homem.

A tremedeira dela ficou aparente e o movimento fez seu cachecol descer, revelando a expressão irada. Uma lágrima correu por seu rosto denunciada apenas pelo brilho do luar.

“Você a matou”, ela sibilou, as palavras saíram dolorosamente de sua boca.

“Foi um acidente”, ele respondeu, mantendo a postura altiva. “Você não acredita nesses mexericos, acredita?”.

Ela soluçou, “Eu sei, não precisei que ninguém me contasse, eu era sua confidente, sabia como a tratava”.



A Criatura

“Eu não sei o que ela te contou”, ele disse, com a voz começando a falhar, em um ritmo caótico. “Eu nunca fiz nada além de amar e cuidar da sua irmã, e estou aqui me oferecendo para cuidar de você como tentei fazer com ela!”

Ela fez como se fosse correr, mas o Homem a segurou, provavelmente sabendo que não a conseguiria impedir com a perna ruim. “Espere, você não me entendeu!”, ele gritou.

A Donzela tentou se desvencilhar de seu aperto: “Me solte! Me solte!”, o rosto furioso agora estava em desespero enquanto arranhava os braços do Homem, que a segurou e a puxou por trás quando ela conseguiu se desgarrar de um de seus braços.

“Não precisa ter medo!”, o Homem gritava, em uma mistura de esperança e desespero. “Podemos ser felizes juntos!”

Ela se debatia loucamente, os gritos abafados pela mão do Homem. Ele parecia começar a perder a pegada, tendo que segurar o frasco que, até então, não tinha certeza se usaria. Em um movimento violento ele abriu o frasco, entornando metade do conteúdo no chão e a outra metade na garganta da Donzela.

A luta da mulher foi cedendo e, em poucos instantes, cessou. O Homem a virou para observar



seu rosto. Estava completamente apagada, mole como uma boneca de pano.

“Eu a matei”, ele suspirou enquanto tentava reanimá-la. Começou a entrar em desespero, pois nada adiantava, suas mãos tremiam demais para conseguir sentir seu pulso. Ele olhou em volta, a colocou sobre os ombros e correu mancando de volta para casa de modo que ninguém o visse segurando o corpo da Donzela.



O Homem chegou coberto de suor e mancando mais do que nunca após carregar a Donzela até sua casa. Ele a colocou com cuidado sobre sua cama e retirou o cachecol que ainda pendia sobre o pescoço dela. Mesmo em meio ao pânico, o Homem hesitou ao ver o pescoço da mulher e a marca negra sobre a pele pálida em seu ombro. A camisa simples era decotada como de costume, o que permitiu que o Homem colocasse a cabeça sobre o seu coração.

Fraco, muito fraco... mas ainda batia.



A Criatura

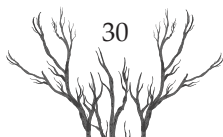
O dele, em resposta, também se acalmou. Porém, ela ainda não se mexia, nem mesmo os pequenos movimentos naturais do sono. Ali deitada, se diferenciava de um cadáver somente pelo pulsar do sangue.

Ele a observou durante alguns momentos, bufando o cansaço para fora. Mesmo se tudo aquilo fosse um acidente, agora as consequências pesavam sobre sua mente. Caso não a tivesse matado, certamente a agrediu e a raptou. E se tinha algo que intimidava o Homem mais do que a Donzela, eram as demais pessoas da vila, que já o tinham como assassino. Isso seria apenas mais um motivo para quererem sua cabeça.

Com a mente borbulhando de sentimentos: culpa, arrependimento, desejo... ele pegou seu machado mais uma vez e partiu para a floresta, tomada pela escuridão da noite.



Ele caminhou rapidamente, o suor se misturava com as gotas da chuva que se anunciava. O



vento congelante castigava sua pele, mas ele não parava.

Dessa vez não parecia querer aguardar que a Bruxa o encontrasse, carregava seu machado firme na mão, adentrando cada vez mais a mata. A floresta era um breu escuro, os pequenos feixes da luz da lua passavam apenas o suficiente para criar sombras trapaceiras que o faziam perder o sentido.

“A morte é curiosa, atraente...”, a voz do Taumaturgo soou nas sombras.

O Homem não esperou a criatura sair da penumbra para brandir o machado na direção de sua voz. O golpe fora violento, fazendo-o perder o equilíbrio. O machado acertara algo que o fez parar subitamente com um som oco na escuridão.

“... mas buscá-la com tanta vontade me parece tolo”. O machado surgiu da escuridão, seguido pela imagem imponente, quase divina, do Taumaturgo, que segurava a lâmina em sua mão na mesma posição em que o Homem o brandira.

Ele retirou o machado da palma de sua mão como se de um resistente tronco, e o jogou aos pés do Homem. O camponês não pegou sua arma, apenas encarou a entidade sem medo, aguardando a morte.



A Criatura

“Eu tentei te matar, não vai fazer nada?!”, ele balbuciou, caindo de joelhos na chuva que já estava forte.

O rosto da Bruxa era apenas uma silhueta fantasmagórica nas sombras que o encarava.

“Você veio no intuito de me matar”, a criatura finalmente disse, com a voz inquietantemente calma. “Mas não foi hoje, não é?”

O Homem, entregue aos pés dela, respondeu: “Não, não foi”.

“Você veio me matar naquele primeiro dia, no qual estava apavorado como uma criança”, a Bruxa disse.

“Como soube?”, o Homem perguntou de volta, ainda de joelhos, mas conseguindo agora ver os olhos amarelos penetrando a escuridão.

“O primeiro instinto dos homens é matar, tomar para si...”, a criatura explicou, “... mas você conseguiu resistir e pedir ajuda... ou apenas teve medo? E depois de todos esses dias, o que te fez retornar aos seus instintos primitivos?”

“Seu fruto, sua... essência. É hediondo! Isso tudo é profano!”, o Homem gritou, abafado pela chuva.

“É apenas uma ferramenta, algo a ser manuseado. Não é boa ou ruim. Apenas a moral e o julga-



mento dos homens fazem essa distinção”, o Taumaturgo disse com a voz calma, mas que atravessava a chuva e o vento para chegar doce aos ouvidos do Homem.

“Eu fiz algo terrível! Eu a usei...”, o Homem gritou novamente, tremendo na chuva.

“E funcionou?”, a Bruxa perguntou, curiosa.

O Homem se surpreendeu com a pergunta. Ele olhou para os olhos amarelos e se colocou de pé, mesmo sofrendo com a perna ruim e o frio cortante.

“Eu a forcei a tomar tudo, tudo o que não entornou no chão. Ela desmaiou, está como morta, a não ser pelo coração que bate debilmente”, o Homem disse, “Eu acho que ela vai morrer”.

“Você deveria saber que só era preciso um ou dois goles. Certamente foi forte demais para ela”, o Taumaturgo disse, ponderando os fatos. “Mas não acho que isso deve matá-la”.

“Mesmo que não morra! Foi algo terrível... Eu jurei que não faria nada assim novamente, eu jurei que...”

“É seu instinto, seu ímpeto de viver!”, a criatura exclamou, agarrando a mão do Homem, que se retorcia de culpa. “Isso te guiou a fazer o que precisava para viver uma vida que valha a pena, esse é o propósito.”



A Criatura

Lágrimas escorriam pelo rosto do Homem, mesmo que não fosse possível distingui-las da água doce da chuva.

“Eu não quero mais fazer isso, vou fugir... ou aceitar as consequências, me entregar se tiver a coragem...”

“Faça como quiser”, o Taumaturgo disse, se virando de costas para o Homem. “O vínculo está no sangue, apenas se desfaça dele se deseja desperdiçar tudo o que lhe ensinei”, ele continuou, decepcionado, “Pense bem, para não cometer o maior erro de todos”.



Os primeiros raios da manhã escapavam pelas copas das árvores enquanto ele voltava para a vila. Ao invés de retornar pelo caminho habitual, ele circundou a vila, ocultando-se pela mata. Estava sujo de terra e suas roupas pareciam trapos devido à água e à lama, rasgadas por sua caminhada noturna entre os galhos e pedras.



Quando avistou sua casa, o sol já brilhava intensamente, e ele se afastou da proteção das árvores ao perceber que não havia ninguém vagando por ali. Se moveu com dificuldade até a cabana, nenhuma casa habitada no entorno. Todos os antigos moradores abandonaram o decadente vilarejo, seja pela esperança de uma vida melhor na cidade ou pela dádiva do Taumaturgo...

Ele respirou fundo, temendo o pior, e virou a frágil maçaneta de madeira.

Ao abrir a porta, franziu o cenho. Sua bancada de trabalho estava vazia e a mesa de jantar suportava apenas um saco pequeno que não estava lá quando havia saído. A Donzela estava em pé, viva, no outro canto da cabana em frente a um armário, de costas viradas para o Homem.

Havia barulho de vidro, porcelana e metal, as mãos da Donzela estavam trabalhando no armário. O Homem observou, receoso, dando leves passos em direção a ela. Com um estrondo, o armário se fechou.

A Donzela se virou, revelando o rosto sobre o mar negro dos cabelos. Trazia um sorriso relaxado, simples, mas que deixou o Homem inquieto.

“Que bom que voltou!”, a Donzela disse, caminhando delicadamente em direção a ele.



O Homem chegou a recuar com a aproximação. Quando a Donzela veio com suas mãos vazias, ele as tomou, inspecionando-as.

“Algo de errado?”, ela perguntou. Os olhos inocentes o observavam curiosos.

“Meu Deus, quando você despertou? Você falou com alguém?”, o Homem disse com a voz incerta, como se não houvesse no mundo palavras que descrevessem sua real preocupação.

“Eu estou bem”, a moça disse, livrando as mãos e colocando-as sobre as dele em uma coreografia tão delicada que não causou a menor resistência do Homem, hipnotizado pela suavidade delas. “Na verdade, eu me sinto ótima. Acordei há algumas horas, fiquei confusa por você não estar. Vi que não havia nada para comermos, então fui até a casa de meu pai...”

O Homem a tomou pelos braços, o pânico voltou a se instaurar em seus olhos.

“Seu pai?!”, ele exclamou, observando a porta da cabana sobre seu ombro, como se preso em uma armadilha. “O que você disse para ele?”

“Não precisa se preocupar! Disse que ontem à noite não estava me sentindo bem e que você cuidou de mim”, ela falou tranquilamente, como se contando uma história com as amigas lavadeiras.



“Meu pai ficou preocupado, mas agradeceu por ter me socorrido”.

O Homem a observava com a boca entreaberta escondida pela barba, a ponto de falar algo, mas sem encontrar palavras.

A Donzela se moveu para a mesa, o Homem apenas circundava, se colocando entre ela e a saída a todo tempo. “Meu pai enviou isto para você, para agradecer”, ela disse, retirando um pão inteiro do saco e o colocando sobre a mesa. “Pare de se preocupar, é apenas um agrado. Afinal, ele já foi seu sogro”.

O Homem, ainda desconfiado, puxou uma cadeira para a Donzela, que não recuou quando ele se aproximou.

“Sente-se”, ele disse, puxando uma outra cadeira para si mesmo.

Ele se curvou em direção a ela, estudando-a. Ela se sentou, com as mãos cuidadosas sobre o colo, delicadas, mas calejadas. Ela encarou o Homem de volta, dando um sorriso, até soltar uma gargalhada tímida.

“O que há de engraçado?”, o Homem perguntou, ainda cínico, mas relaxado o suficiente para alcançar seu cachimbo em uma gaveta da bancada



ao seu lado. O fumo era bom para se distrair, e as dores da noite passada ainda latejavam.

“Não está zangada comigo?”, ele perguntou.

Ela ficou pensativa, mas sem perder o ar de tranquilidade que inquietava o Homem.

“Eu fiquei assustada ontem, não sei direito porque agi daquela forma, mas quando a aurora chegou, acordei e compreendi melhor... Entendi que exagerei, você só estava conversando e eu...”

“Ficou histérica”, ele disse, agitado, concordando com o relato. A Donzela assentiu, com um de seus olhos se debatendo ligeiramente.

“Enfim, depois de poder pensar quando acordei e não te vi...”, ela continuou, “acho que sua proposta é bastante... lisonjeira”.

Ele ajustou o corpo, quase como se para entender melhor o que ouvia. Finalmente, vendo o brilho nos olhos dela, desarmou, deixando-se relaxar de vez.

“Achei que tinha planos de sair da vila e ir para a cidade”, ele disse, se levantando com dificuldade.

“Eu achava que sim, mas... agora vejo que o marido que tanto... que tanto aguardei está aqui mesmo”, ela falou, hesitando em meio à frase como se fosse soluçar.

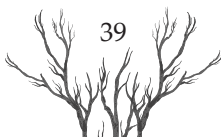


O Homem, por sua vez, tossiu a fumaça do cachimbo e seguiu para fechar um pouco das janelas altas que a Donzela havia aberto para deixar entrar a luz do sol.

“Deixe-me cuidar de você, parece que se machucou”, ela disse, se aproximando e indicando a perna boa, que realmente havia se cortado, rasgando as calças úmidas.

O Homem fechou as janelas, só o suficiente para não haver riscos de os verem lá de fora. Quando se virou para ver o machucado, se viu a menos de um passo da Donzela. Ela olhava para baixo, enquanto ele admirava o amontoado de cabelos negros, uma escuridão que se destacava mesmo na luz baixa. A mão dela se esticou como se para tocar o machucado, porém, hesitante, ficou parada no ar em um tremor errático.

“Ei, está tudo bem”, ele disse, tocando com um de seus dedos a mão dela. Ela não se mexeu, a mão trêmula vibrava sobre o dedo sujo de terra e cascas de árvore. Ele tomou sua mão e ergueu seu queixo com a outra mão. Seus olhos cintilavam, preocupados, mas os lábios finos sorriam, um sorriso sutil. Então ele os beijou. Com seus lábios escondidos pela barba, ele os apertou contra os dela, que hesitaram por um momento, até cederem. Cederam



A Criatura

ao beijo que se encorpou, chegando até a parecer um de real paixão. Enquanto a beijava, lançou a mão no pescoço da Donzela, rapidamente deslizando-a sobre a marca em forma de coração em seu ombro.

O Homem sustentou o beijo salgado, que se desenrolou pela casa em uma dança esquizofrênica até estarem recostados sobre a cama, na qual a vã chama se findou. E, assim, dormiram nos braços frios um do outro.



Mesmo em pleno dia, o Homem dormiu por horas, exausto da noite em claro na floresta. Despertou com minguas luzes alaranjadas vindas da janela que anunciavam a partida do sol. A Donzela, ainda dormindo, estava deitada em seus braços. Pela primeira vez na sua vida, ele sorriu ampla e sinceramente. Sorria como se a perna ruim não importasse mais, como se o inverno não fosse chegar novamente e como se a vida fosse apenas aquele momento. Após algum tempo, retornou à consciência, se ren-



dendo ao estômago que roncava pela fome de quase um dia inteiro.

Se levantou ainda nu, colocando apenas as calças antes de seguir para o antro da pequena cabana. O pão ainda estava sobre a mesa, mas ele seguiu para a bancada de trabalho. Se demorou em frente a ela, apenas remoendo em sua cabeça. Estudou os frascos e pilhas de pequenos metais em uma das prateleiras suspensas sobre a mesa. Fixou o olhar no frasco de sangue, aquele do qual prometeu se desfazer, se tivesse coragem...

Ele ouviu um barulho e se virou, menos alerta do que estivera horas atrás. A Donzela vinha do quarto, vestida apenas com a camisola que usava por baixo do vestido, bocejando.

“Como está?”, ele perguntou.

“Cansada”, ela disse casualmente, andando em volta da escura cabana e recolhendo os suportes de vela que encontrava para iluminar a penumbra. “E com fome”.

“Apronte a mesa”, ele respondeu sobriamente, fitando novamente o frasco, “Arranjarei algo para jantarmos, e...”, ele hesitou, mas depois disse resolutivo, “... e então iremos à casa de seu pai”.

Ela anuiu, e ele se virou para procurar a perdoneira nas gavetas de sua bancada. Acendeu o



A Criatura

fogo à lenha da casa que havia se apagado e então começou a acender as velas e distribuí-las na mesa e nos batentes das janelas. A luz produzida era fraca e apenas ajudava a amenizar o escuro que surgia.

O Homem tomou o frasco de sangue da prateleira, ponderando com ele na mão. Sua expressão era um misto de apreensão e admiração. Finalmente colocou-o na gaveta mais baixa do balcão e girou a chave duas vezes antes de recolhê-la para seu bolso.

“Onde encontro a louça?”, a Donzela perguntou, conferindo o que faltava na mesa.

“Naquele armário, atrás das pedras de afiar”, o Homem disse, “Vou procurar uma faca boa para partirmos esse pão”.

Trocaram um sorriso caloroso antes de ela partir para pegar os pratos nas gavetas superiores. Agora ele fazia as coisas com a calma de um homem que conquistou o mundo pela manhã e está apenas aproveitando o entardecer.

De repente, o som de porcelana quebrando consumiu o ambiente. O barulho pareceu calar os outros sons, a casa foi tomada por um silêncio extremo.

O rosto do Homem se entorpeceu, e mesmo sob a grossa barba seu cenho denunciava raiva, muita raiva.



“Estes eram meus únicos de porcelana...”, ele grunhiu, a cólera velada escorria pela sua voz.

Nenhuma resposta. A fúria se espalhou ainda mais pelo seu rosto. Tendo encontrado a faca, se virou e viu a Donzela estática entre o armário e a mesa. Havia dezenas de pedaços de porcelana quebrada aos pés dela, e ela o fitou com olhos atônitos e lábios trêmulos aterrorizados.

“O que eu estou fazendo?”, ela olhou para as próprias mãos como se fossem de outra pessoa, com o rosto mergulhado em desespero. Começou a tatear o corpo, cobrindo-o com as mãos.

Vendo a reação dela, a expressão do Homem passou de fúria para preocupação, segurando com mais força o cabo da faca.

“O que você fez comigo?”, ela gritou, tentando se esconder, tentando sumir, cambaleando para a viga ao lado, para longe do Homem.

“Pare de gritar!”, o Homem ordenou, com expressão sombria e voz grave raspada. “Agora!”.

A Donzela, que já se aninhava no canto, abafou o choro no mesmo instante, tremendo.

“Você fez tudo por conta própria”, o Homem afirmou, dando um pequeno passo em direção a ela.

“Não, não...”, ela choramingou. “Não era eu, não era eu.” Ela se levantou, ainda recolhida con-



tra a viga, seus olhos atentos procuravam rotas de fuga. “Você fez alguma coisa! Você me enfeitiçou! É um bruxo!”

“Calada!”, ele grunhiu mais alto, emitindo um som quase animalesco.

Ele deu mais um passo, o rosto calejado sob a barba cheia lhe dava um aspecto insano. “Não faça nada. Sente-se”.

A Donzela encarou a faca em sua mão, que parecia quase menos ameaçadora que sua voz. O Homem, percebendo isso, guardou a ferramenta. Ele não levantara a faca, nem um dedo sequer, ele não precisava.

A Donzela relutantemente se sentou, tremendo e soluçando. Procurava desesperadamente uma oportunidade de escapar, mas o Homem se postava entre ela e sua saída. Ele se virou para a mesa de trabalho e começou a manusear os frascos.

Ele não precisava se certificar, sua presença já era ameaça suficiente para manter a Donzela em sua cadeira. Ela sabia a que ponto isso podia chegar, sabia que ele não tinha problemas em ir até o fim.

Os minutos que se passaram foram torturantes para ela, que se debatia de tanto soluçar, tentando esconder o corpo depravado de si mesma.



O Homem terminou de preparar sua mistura vil e finalmente se afastou da mesa, ainda com o mesmo olhar e expressão dura. Ele se dirigiu até os cacos de porcelana no chão, procurando alguma peça mais ou menos intacta.

Aproximou-se da Donzela e colocou na mesa uma xícara totalmente lascada, mas sem rachaduras no corpo. Em seguida, buscou o líquido viscoso para preenchê-la, colocando apenas o suficiente para um gole ou dois.

“Tome. Tudo”, ele disse, a encarando.

A Donzela, que até então só chorava, pegou tremulamente a xícara, não a deixando cair, pois sabia da fúria do Homem. Antes de beber, ela levantou a cabeça, fitando os olhos frios do Homem, e lançou um olhar rancoroso, um rancor jamais visto em público em uma pequena cidade como aquela.

Ela tomou todo o líquido sustentando o olhar. O Homem pegou a xícara da mão dela antes que pudesse pensar em usá-la contra ele e voltou para a bancada de trabalho para que tampasse os frascos e guardasse tudo. Ele não sorriu quando o fez, pois sabia que era uma derrota, que cedera, e que fez como a Bruxa queria.

Um estalo alto se seguiu e o Homem caiu sob os joelhos.



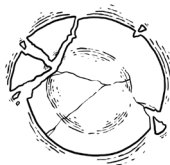
A Criatura

Gritou e começou a se coçar loucamente, tremendo com calafrios por todo o corpo. Ele lançava no chão, os ossos pareciam se retorcer dentro do corpo. A pele ardia como se por milhares de picadas, onde pequenos pontos pretos surgiam. Sua visão estava obscurecida pela dor, mas suas mãos não paravam de coçar, e ele se desesperou ao ouvir o barulho da cadeira se movendo.

Com seus sentidos sobrecarregados, esperava por um golpe, algo final que acabaria com sua vida de vez. Mas ao invés disso, uma voz chegou a seus ouvidos, que mesmo durante o frenesi, conseguiram escutar:

“Deixe-me te ajudar, meu bem”, disse a Donzela, se ajoelhando calma ao lado do Homem, exibindo um largo sorriso trêmulo e sangrento sob as lágrimas que escorriam. “Eu vou cuidar de você.”

A voz doce veio como uma sentença. O efeito da essência significaria o fim, tanto para o Homem quanto para a Donzela. Aquilo o consumiria como uma droga, um vício, que ruiria seu corpo e sua alma, até que não restasse nada mais dele.



“Não acho que fui injusto com você, como já lhe disse antes”, o Taumaturgo afirmou, em sua casa retorcida.

Ele estava em sua bancada extraindo óleo de uma planta robusta, meses após a semana na qual instruiu o Homem. Vários de seus animais o observavam, ocasionalmente lhe entregando ferramentas e frascos. Estava com a porta e janelas abertas, de modo que os grandes o observavam pelo lado de fora e vários dos menores se aninhavam ao redor dele. Os únicos sons no ar eram os ruídos e cantos de seus animais.

“É uma bela forma, útil, prática. Claro, lhe faltam algumas coisas...”, ele continuou, sendo ouvido atentamente pelo seu grupo de coelhos, esquilos, gatos, pequenos pássaros e até alguns insetos que ouviam bem de perto.

Trabalhava tranquilamente. A pele cinza sob a armadura de cascas manuseava habilidosamente laços de corda e alguns de cipó que seguravam a planta aberta, enquanto retirava um extrato púrpura que guardava em um pote de vidro.

“O equilíbrio da natureza é algo fascinante. No fim, não sou eu que escolho a forma...”, ele continuou, aparentemente para ninguém. “... eu pode-



A Criatura

ria interferir, claro, e dizer: ‘Escolha algo com mais dedos!’ Mas qual seria a lição nisso?”, ele ponderou.

Um som estridente cortou a conversa, o que fez a entidade se virar, sem esboçar preocupação.

“Olha só quem apareceu. Sabia que não iria me decepcionar com você. Venha, posso precisar de alguém para me buscar algumas maçãs”, a Bruxa disse para o novo companheiro que chegara, sempre com seu sorriso anguloso, traíçoeiro.

O gato, branco com listras cinzas, parado sob o vão da porta, miou novamente e juntou-se ao Taurmaturgo e suas outras criaturas.



B. F. Costa

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Histórias vêm de vários lugares diferentes, podem começar com um personagem, uma situação ou de uma simples frase que lemos. *A Criatura* surgiu, como muitas outras, da curiosidade.

A fantasia é um gênero muito amplo e dificilmente definido, repleto de facetas e interpretações. Eu gosto de pensar que a fantasia é uma ferramenta, como a escrita em si. É um artifício que usamos para contar as histórias que desejamos e passar os sentimentos e temas que povoam a narrativa.

Elementos fantásticos existem desde o princípio, como os mitos e lendas usados para explicar os mistérios da natureza e explorar os medos de cada povo. Deste modo, tal faceta do imaginário popular evoluiu ao longo dos anos, repassado principalmente pelo meio oral.

Os contos populares tiveram sua coleção mais famosa publicada pela primeira vez em 1812, intitulada *Contos infantis e domésticos*, de Jacob e Wilhelm Grimm. Os contos de fadas dos irmãos são conhecidos por todos, mais precisamente suas versões mais modernas. Entretanto, as versões originais são diferentes, por serem bem mais sombrias. E a par-

tir disso, surgiu a minha curiosidade em aprender mais sobre esse estilo literário.

Os contos antigos não foram escritos com o objetivo específico de serem medonhos ou violentos, mas para registrar histórias populares transmitidas oralmente na Alemanha, em meados do século XIX. A brutalidade não estava no propósito, mas sim na realidade daquela sociedade que passava por invernos rigorosos e fome generalizada. As histórias em si eram, muitas vezes, representações dos medos da época e a moral, ao final, era usada para alertar as crianças destes perigos. Esse é o espírito dos contos populares e de outras formas de narrativas que surgiram, utilizando deste meio para explorar os medos e ansiedades das pessoas de cada período, sejam elas relacionadas à sobrevivência ou sobre a maneira como vivemos.

Outra característica interessante dos contos de fadas, que chamou a minha atenção e me fez querer escrever sobre, foi o fato de que mesmo tendo sido registrados em diferentes épocas e locais, a característica oral deles concede um ar atemporal e de indefinição em relação ao lugar na qual estas histórias ocorrem.

Com isso em mente, me coloquei a pensar em contos de fadas, a relação de fantasia e terror, e de

que forma combinar diferentes estilos que povoam o imaginário desses gêneros, como o folk e o gótico. Assim, surgiu como uma figura arquetípica e misteriosa: o Mago.

O Mago começou apenas como a ideia de um personagem que traria a transformação, física e metafórica, para o protagonista, exercendo o seu papel como muitos outros “magos” que o antecederam na literatura de fantasia. Porém, pelas influências da literatura gótica e da natureza do terror, tornar esse personagem tendencioso e moralmente ambíguo pareceu uma boa escolha. Tornando-se um perfeito catalisador para o ambiente decadente da vila, onde a miséria e a falta de perspectiva atuam como antagonistas, tentando seus moradores e levando eles à reações de sobrevivência: fuga e violência.

Portanto, adotando um sentido naturalístico para a forma do Mago, este personagem se torna o(a) Taumaturgo/Bruxa, uma criatura que facilita a corrupção que vive nos corações dos moradores do vilarejo, sendo tão constante e atemporal quanto a narrativa em si. Não obstante, mesmo após o fim da história, a figura perdura, habitando sua floresta sem nome, em busca de mais aprendizes para se juntar a seu rebanho.



CRÉDITOS

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG)

Diretor-Geral

Prof. Flávio Antônio dos Santos

Vice-Diretora

Profa. Maria Celeste Monteiro de Souza Costa

Chefe de Gabinete

Profa. Carla Simone Chamon

Diretor de Educação Profissional e Tecnológica

Prof. Sérgio Roberto Gomide Filho

Diretora de Graduação

Profa. Danielle Marra de Freitas Silva Azevedo

Diretor de Pesquisa e Pós-Graduação

Prof. Conrado de Souza Rodrigues

Diretor de Planejamento e Gestão

Prof. Moacir Felizardo de França Filho

Diretor de Extensão e Desenvolvimento Comunitário

Prof. Flávio Luis Cardeal Pádua

Diretor de Governança e Desenvolvimento Institucional

Prof. Henrique Elias Borges

Diretor de Tecnologia da Informação

Prof. Gray Faria Moita



Bacharelado em Letras - Tecnologias de Edição

Coordenadora

Profa. Joelma Rezende Xavier

Coordenadora Adjunta

Profa. Mariana Jafet Cestari

LED

Coordenadora

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Vice-coordenador

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Comissão Editorial

Profa. Dra. Ana Elisa Ribeiro

Profa. Dra. Elaine Amélia Martins

Prof. Dr. José de Souza Muniz Jr.

Prof. Dr. Luiz Henrique Silva de Oliveira

Prof. Dr. Rogério Silva Barbosa

Prof. Dr. Wagner Moreira

Conselho Editorial

Profa. Dra. Ana Cláudia Gruszynski (UFRGS, Brasil)

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC, Brasil)

Prof. Dr. Cleber Araújo Cabral (Uninter, Brasil)

Profa. Dra. Daniela Szpilbarg (CIS-IDES-CONICET,
Argentina)

Profa. Dra. Isabel Travancas (UFRJ, Brasil)

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado (UFSCar, Brasil)

Prof. Dr. Luis Alberto Ferreira Brandão Santos (UFMG,
Brasil)

Profa. Dra. Marília de Araújo Barcellos (UFSM, Brasil)

Prof. Dr. Mário Alex Rosa (UNI-BH, Brasil)

B. F. COSTA



@bfcosta_autor

Bruno Ferreira Costa (1999) nasceu e foi criado em Betim, região metropolitana de Belo Horizonte, em Minas Gerais. Desde a sua infância, sempre consumiu diversas narrativas, em suas variadas formas - livros, jogos e filmes - até que decidiu criar as suas próprias.

Graduando em Engenharia Química, ele busca sempre utilizar seu conhecimento técnico em suas histórias. Influenciado pelos mestres do terror e da fantasia, escreveu *A Criatura* nos moldes de um clássico conto de fadas: mágico e cruel.

PRIMEIRAS EDIÇÕES



Primeiras Edições é uma coleção que compreende séries de Crítica de poesia, Poemas e Contos. O projeto foi desenvolvido pelos alunos de Letras/Edição do CEFET-MG, sob a coordenação do professor Dr. Rogério Barbosa da Silva e integrado aos projetos da LED, a Editora Laboratório do curso.

As séries são compostas de pequenos livros impressos em pequenas tiragens, disponíveis também nos arquivos digitais da LED. Além disso, tem como objetivo suprir lacunas editoriais, no campo da crítica de poesia, e divulgar novos autores, bem como aqueles já consagrados mas com pouca circulação (em domínio público, autorizados por autores ou por seus representantes).

Trata-se, por fim, de um projeto de formação de editores e de ampliação do campo da leitura.

DESESPEDRO




@odesespedito

Pedro Henrique Dantas (2002), também conhecido como Desespedito, nasceu em Itabirito-MG, e além de ilustrador, é um entusiasta na criação de seres macabros. Graduando em Cinema de Animação e Artes Digitais pela UFMG, busca, através de seu trabalho, captar naquilo que é perigoso e misterioso, a sua beleza.

Para mais informações, acesse:
[beacons.page/odesespedito](https://www.instagram.com/odesespedito)

Livro produzido por estudantes do curso
de Letras - Tecnologias de Edição do CEFET-MG.
Foram utilizadas as fontes Palatino Linotype, Cormorant
Garamond e Eileen Caps.
Finalizado no inverno de 2023.





Em um decadente vilarejo, a resposta para seus anseios
pode residir no coração da floresta, mas esse encontro
será sua salvação ou sua ruína?

Como em um clássico conto de fadas, acompanhamos
as escolhas, e consequências, feitas por um homem
comum em busca de seu final feliz.

led


CEFET-MG